

Nos confins da civilização, a fé e a devoção  
à família realizam um milagre

# *E uma criança haverá de guiá-los*

HENRY HURT

**N**EGRO como a noite tropical, o gato brincava silenciosamente com as sombras fugazes criadas pela luz da chama alaranjada bruxuleante da lamparina a óleo. Feita de um pequeno pote com um pavio de papel bem retorcido, a lamparina estava sobre uma mesa junto à cama onde dormia Rona Mahilum, de 8 anos. Ao lado, cinco de seus irmãos se aninhavam em esteiras, tornando o casebre de dois cômodos, feito de madeira e sapé, casulo tranqüilo de crianças adormecidas.

Estavam sozinhos na imensidão da noite nos confins da civilização, bem no alto de uma montanha na ilha Negros Ocidental, nas Filipinas, a cerca de qui-

nhentos quilômetros ao sul de Manilha. Horas antes, naquele dia de maio de 1996, os pais, Rolando e Nenita, acompanhados de dois filhos mais velhos, haviam partido a pé pelas trilhas acidentadas rumo ao povoado de Alimatok – situado a uma hora de distância – para vender pão e café em uma *fiesta*.

No isolamento do casebre da família Mahilum, a luz suave da lamparina trouxera conforto a Rona e às outras crianças até que mergulhassem no sono. Naquele instante, no entanto, já noite alta, subitamente o óleo em chamas entornou sobre a cama de Rona, esparramando-se pelo chão.

A menina pulou da cama. De imediato ela se deu conta que o intrometi-



do do gato havia derrubado a lamparina. Ouvindo o crepitar, percebeu que seus longos cabelos ardiam. As chamas saltaram sobre sua roupa de dormir.

Rona bateu no fogo que lhe chamuscava a cabeça e ombros. A apenas um passo, na porta, estava a salvação. Então, no clarão aterrorizante, viu seus irmãos se movimentando.

Com os cabelos em chamas e a fumaça invadindo-lhe as narinas, Rona agarrou a primeira criança que pôde, Cheryl, de 5 anos. Disparou escada abaixo até o pátio, onde deitou a menina sob uma grande bananeira. Retornou correndo por entre a fumaça, os olhos semicerrados, a respiração presa, e carregou Ruben, de 4 anos, e Rhocelle de 1, para um local seguro.

O clarão inicial das labaredas diminuíra, e o fogo dera início à sua tarefa lenta e contínua de espalhar-se por toda a casa. Rona retornou, trazendo com ela Roberto, de 7 anos. Aturdido e tossindo, ele observava a irmã, os cabelos e roupas ainda ardendo com fumaça e pequenos focos de fogo, correr de volta a casa em busca de Roda, de 9 anos. Incapaz de carregar a irmã mais velha, Rona desesperadamente empurrou-a até a janela fazendo-a rolar para fora.

Completado o resgate das crianças, a menina agarrou o balde de plástico da casa e correu repetidas vezes até o riacho mais próximo trazendo água para aplacar o fogo. Por fim, seu corpinho não resistiu mais e ela tombou de bruços sobre os escombros carbonizados.

RONA MAHILUM, cabelos escuros e olhos castanhos vivazes e risonhos, tra-

balhara na lavoura de cana-de-açúcar com a mãe, desde os 4 anos de idade. Sua jornada ia do alvorecer ao anoitecer e, por mais cansada que estivesse, mostrava-se sempre alegre, rindo, cantando e pregando todo tipo de peças.

Era excelente trabalhadora, sempre disposta a ajudar os demais. Inteligente e esperta, disparava pelos canaviais, as mãozinhas arrancando o mato à volta dos talos de cana. Ao completar seis anos, a mãe reduziu-lhe o trabalho nos canaviais para que a menina pudesse freqüentar a escola três vezes por semana. Os professores elogiavam-na, impressionados com seu constante bom humor. Para Nenita, era primordial que os filhos tivessem a oportunidade de aprender a ler e a escrever.

Uma vida melhor: nisto centralizava toda a esperança que Nenita nutria em relação aos filhos, enquanto o casal lutava para mantê-los na escola e para levá-los à missa na igreja do vilarejo de Divina Colonia, a cinco quilômetros de distância. Tais aspirações os guiavam como um farol em meio às dificuldades de suas vidas; servia-lhes também de guia a vida sacrificada de Nenita, dedicada a proporcionar aos filhos oportunidades – ainda que mínimas – com as quais seus próprios pais jamais teriam sonhado.

Naquele momento, enquanto vencida a longa trilha escura de volta a casa, iluminando o caminho com uma pequena lamparina, sentia-se otimista. Saíra de Alimatok por volta de meia-noite, conseguindo alguns pesos na *fiesta*. O marido e os filhos mais velhos viriam mais tarde.



Foi então que sentiu o cheiro de fumaça. “Não era o cheiro normal de lenha queimando”, ela conta. “Era uma fumaça de algo diferente.” Apressou o passo, quase correndo, até que chegou à clareira e viu sua casa.

O interior do casebre estava destruído; o telhado, praticamente inexistente. Encontrou os filhos deitados sob a bananeira – todos, menos um.

– Onde está Rona? – gritou Nenita.

– Não sei – balbuciou Roda.

Enlouquecida, Nenita galgou os escombros da entrada do casebre, o odor de carne e cabelo queimados invadindo-lhe as narinas. Erguendo a lamparina, ela contemplou a devastação. Nenhum sinal de Rona.

Desesperadamente começou a cavar entre os escombros. Uma protuberância arredondada e negra, tal qual uma pilha de carvão, chamou sua atenção. Rezando para que não fosse a filha, Nenita se debruçou.

Era Rona, encurvada e com o rosto no chão. Quase todo o cabelo fora consumido pelo fogo. Uma crosta espessa e negra, com fissuras de mau aspecto, recobria suas costas e couro cabeludo. Estava inerte. Nenita buscou-lhe o pulso, em vão. Chorando, gritou em *ilonggo*, sua língua materna: “Deus, eu lhe entrego minha filha!” Carregou a filha nos braços e colocou-a sobre uma folha grande de bananeira.

“Rona está morta”, Nenita disse aos filhos. Vencida pelo pranto, deitou-se, tomando a mão inerte da menina e implorando a Deus para trazer sua filha de volta. Poderia Ele escutar uma vozinha vinda de um minúsculo grão de poeira do universo?

Ao retornar a casa ao amanhecer, Rolando, pai de Rona, aceitou a morte da filha, atribuindo-a à vontade divina. Prontificou-se a cavar uma sepultura. Nenita, porém, não conseguia ainda aceitar que Deus houvesse colocado uma criança tão adorável neste mundo unicamente para deixar que morresse.

Por alguma inexplicável razão, decidiu transportar Rona montanha abaixo, ao povoado de Bato, que dispunha de um pequeno hospital, a aproximadamente seis horas de viagem a pé. Quem sabe algum médico pudesse confirmar, por fim, que não havia mais um sopro de vida em sua garotinha. *É isso, pensou ela, vou partir assim que o sol nascer.*

À luz do sol da manhã, os ferimentos de Rona eram horríveis de se olhar. A orelha esquerda transformara-se em minúsculo pedaço de carvão. Uma crosta densa e negra recobria-lhe as costas e a cabeça, donde escorriam fluidos. Nenita lavou cuidadosamente a fuligem do rosto da menina, por alguma razão poupado pelas chamas.

Embora convencida de que Rona não sentisse dor, evitou tocar nas queimaduras ao carregar a filha. Suspendeu-a de cabeça para baixo, o ventre apoiado nas costas da mãe, o rosto tocando-lhe as coxas. Para caminhar, segurou-a pelos pés, enganchados sobre seus ombros.

Sozinha, arrastava-se pelas trilhas íngremes e acidentadas, por montanhas altas e vales escarpados. No meio da manhã chegou a Alimatok, o local da *fiesta* da noite anterior. Ali localizou Christina, a filha de 14 anos, que pernoitara na casa de amigos. As duas



prosseguiram até o povoado vizinho, Santiago, os passos seguros evitando pedras cortantes e sulcos de erosão que chegavam até os joelhos.

Uma forte chuva desabou no meio da tarde. Pingos grossos e frios caíam ruidosamente, golpeando as costas de Rona, recobertas de crostas. Com uma folha de bananeira, Christina tentava protegê-la. Por fim, o pequeno e triste cortejo parou para esperar que a tempestade amainasse.



*Dra. Agnes Bustillo*

Ao colocar a menina no chão, Nenita notou que ela estava com os olhos abertos, fitando-a.

– Mamãe – sussurrou –, onde estamos? Um estremecimento de felicidade sacudiu o corpo de Nenita.

– Vamos ver um médico – respondeu carinhosamente. Sentiu-se nas nuvens, agradecendo a Deus por uma

bênção tão avassaladora. Então, cheia de alegria, exclamou para Christina:

– Rona está viva!

– Sim – repetiu-se o sussurro. – Estou viva, mas acho que logo vou morrer de novo.

Agora que Rona recuperara a consciência, suas dores eram terríveis. Não houve mais descanso para Nenita que, carregando novamente a filha nas costas, recomeçou, com redobrada determinação, a caminhada em meio à chuva e lama.

A DRA. AGNES BUSTILLO se encontrava em sua sala no pequeno hospital de um único andar quando a chamaram para atender alguém. Eram quase 7 horas da noite. Ao examinar Rona, constatou queimaduras de terceiro grau no couro cabeludo e nas costas da menina. A orelha esquerda praticamente desaparecera. As queimaduras já tinham quase quinze horas e a infecção se alastrava.

“É notável que Rona tenha sobrevivido por tanto tempo”, disse a médica, acrescentando que a menina precisava ser hospitalizada. “Se não for internada, morrerá.” Explicando que a família não tinha recursos, Nenita pediu que prestassem à filha apenas os primeiros socorros. Mesmo assim, precisaria pedir dinheiro emprestado para pagar.

“Não posso jogar fora o futuro de todos os meus filhos para ajudar apenas um”, disse, resoluta. Essa conversa foi presenciada por Rona, cujo olhar revelava que ela não só entendia como concordava. Seu tratamento significaria que não haveria mais livros escolares para seus irmãos. A vida em Ne-



gros Ocidental era, de fato, repleta de escolhas cruéis.

Mas a Dra. Bustillo não ia permitir de forma alguma que a criança ficasse sem tratamento, garantindo a Nenita que as despesas seriam moderadas. A médica impressionou-se com a vivacidade de Rona, apesar das dores terríveis. Após quatro dias, no entanto, insistiu na transferência da menina para um hospital mais moderno em Bacolod, a oitenta quilômetros de distância.

O tratamento das queimaduras era extremamente doloroso. Pior ainda, à medida que as lesões das costas e da cabeça iam curando, cicatrizes horribílicas atrofiavam os músculos do ombro e pescoço, encurvando a cabeça da criança.

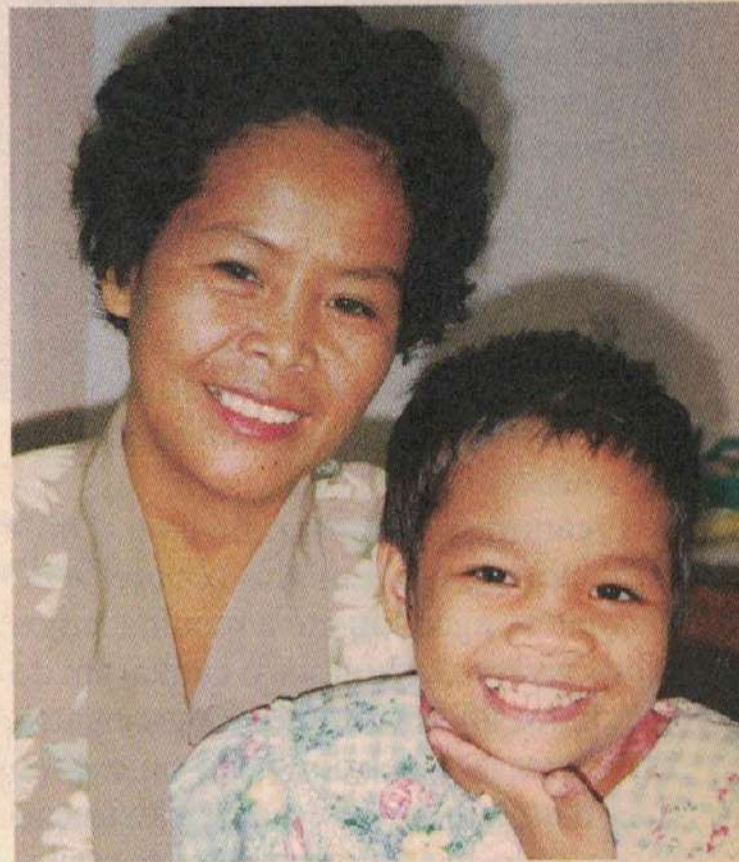
Quando um jornal e uma rádio veicularam matérias sobre a garotinha que sofrera queimaduras ao salvar os irmãos, fundos foram angariados para ajudar a pagar as despesas com o hospital. Assim, em junho, mãe e filha deixaram o hospital e retomaram a longa jornada para casa, levando com elas alguns remédios corriqueiros para os ferimentos. Nenita voltou ao trabalho, lutando para juntar os pesos para a escola das crianças.

Enquanto ajudava a cuidar da horta da família e buscar água no riacho, os olhos vivazes e risonhos de Rona nunca deixavam de brilhar. Deliciava-se na companhia dos irmãos, e eles na dela. Mas por mais encorajamento que recebesse, eram evidentes os efeitos incapacitantes de suas lesões.

Julho passou, entrou agosto, e os remédios começaram a escassear. Devido às compressões nos ombros, o cami-

nhar de Rona se tornava cada vez mais desajeitado, mais coxo. Porém um retorno ao hospital para cirurgia reconstrutiva estava completamente fora do alcance das finanças da família. Nenita rezava a Deus para fazer aquilo que ela não conseguia: ajudar sua filha.

EM UMA TARDE de domingo, em meados de agosto, sentado em sua casa, Alfredo Lim, o prefeito de Manilla, lia o editorial do jornal *Today*. Os



*Nenita e sua filha Rona*

olhos de Lim, um homem alto, grisalho, descendente de chineses, encheram-se de lágrimas.

Recentemente, sua cidade votara a favor da concessão de um prêmio ao boxeador filipino que acabara de conquistar a medalha de prata nas Olimpíadas de Atlanta. Ao recusar o prêmio, o homem pareceu esnoabar a cida-



de. Agora o jornal apresentava uma solução. O editorial exortava o prefeito a doar o dinheiro a quem realmente merecia a medalha de ouro: uma garotinha que três meses antes ganhara cicatrizes e respeito, não em um ringue de boxe, mas em um ringue de fogo.

NO DIA 20 de agosto, Nenita lavava roupa no rio quando recebeu a notícia de que a polícia a procurava em sua casa. No alto daquelas montanhas, raramente se viam desconhecidos fardados. Pareceu-lhe difícil compreender a notícia que os policiais traziam: o prefeito de Manilha estava a caminho para vê-la. Queria ver Rona, também.

Depois de conversas confusas, Nenita retornou a casa em busca da filha. Juntamente com os policiais, as duas deram início à longa jornada de descida da montanha – dessa vez não mais a pé, mas de caminhão.

Quando se encontraram com o prefeito, aquele homem alto com jeito de avô, ele se agachou até a menina, cujos olhos vivazes e risonhos o cativaram de imediato. Pôde ver as enormes cicatrizes vermelhas cobrindo-lhe o pescoço e as costas, o processo de cicatrização repuxando-lhe os ombros, a impossibilidade dela em erguer o braço esquer-

do. “Quero levá-las comigo para Manilha”, disse o prefeito.

A CAMA de água no alegre quarto de hospital de Rona é bombardeada pelos pulos dela e da irmã Roda brincando de boneco saltador. No mês seguinte à chegada da menina em Manilha, os médicos deram início a uma série de cirurgias para reconstruir os músculos do ombro e pescoço. Ainda levará muito tempo para que os enxertos de pele removam as cicatrizes. Todas as despesas médicas estão sendo pagas pelo município de Manilha.

O sonho de Rona é tornar-se professora. O prefeito Lim, que costuma visitá-la, acredita que ela já é excelente professora. “Precisamos proteger essa garotinha para que sua coragem possa ser louvada”, diz. “Se cada um seguisse seu exemplo, viveríamos em um mundo harmonioso.”

Rona enfrentou os procedimentos médicos com a mesma coragem com que enfrentara o fogo. Indagada a respeito de sua extraordinária bravura, ela responde com uma simplicidade tão profunda quanto a fé de sua mãe.

“Eu agi dessa forma porque eles são meus irmãos e eu os adoro.”



### ***Para não dizer que não disse***

DO POLITICAMENTE CORRETO *Sun Journal*, de Brooklyn, Ohio: “A polícia prendeu duas mulheres de Cleveland que, alegadamente, se encontravam paradas numa calçada com o intuito de se autopromoverem como animadoras autônomas de moral duvidosa perante numerosos indivíduos de passagem pelo cruzamento da Rua 44 com a Avenida Lorain.”